

Ce qui est dans la parole est dans le silence [provérbio africano]
5 silêncios traz: A. ***Silêncio 4' 33"*** | Cage | B. ***O Silêncio dos Poetas*** |
C. ***Silêncio*** | D. ***Silêncio de dois cigarros*** | E. ***Um dia vago chove***

A. **Silêncio 4' 33"** | Cage

O telefonema de Jorge Lima Barreto a pedir para ser eu a receber John Cage em Coimbra surgiu no alinhamento do texto que gerei para a revista *Música em Si* [TAUC, 1983-87]. Cage encontrou-se com António Aragão no Funchal, e foi aceso tema entre nós, recorde também. Neste meu deambular pelos silêncios, Cage foi sempre uma *respiração*, mas a aprendizagem mais distintiva e estruturante, foi a que tive enquanto aluno de Raymond Murray Schafer — nas suas aulas alusivas ao *Meio Ambiente Sonoro* — as *paisagens sonoras*. Para guardar as múltiplas, e tão diversas, vivenciações então geradas, e trazer algum legado para um futuro sempre ausente, escrevi um livro a caber no bolso para presentear os curiosos, os que me procuravam a perguntar pelas vanguardas na música, e as do planeta sonoro — **John CAGE, música Fluxus, e outros gestos da música aleatória em Jorge Lima Barreto**, Edição independente, *Alma Azul* — é o livro (d)enunciado.

Fui a Amsterdam experienciar a acústica da mesa de Laurie Andersen, e os *ambientes* de Brian Eno. Esses *vestíbulos* universais que me obrigam, tantas vezes ainda, a os visitar como um alimento da alma. Mas, momento único, foi acolher Meredith Monk no lugar do *Círculo* [CAPC], e para realizar uma *Master Class*, isto quando integrei as directorias da estrutura da BUC, a Bienal Universitária de Coimbra. Reaprender com Schafer, é uma prática quase diária ainda hoje. E tanta da sua mágoa perante as "lixerias sonoras" que nos obrigam acompanhar. Coisa bem diferente do ruído, dizia Schafer, com Cage ao fundo. Os meus encontros com o Jorge Peixinho, o Emmanuel Nunes, e mesmo o Carlos Zingaro — chegámos a trabalhar em projectos comungados com a dança, e há a memória da Paula Massano, essa leal discípula de Merce Cunningham — gerariam muitas outras narrativas ainda, mas, e fazendo descansar o texto, convido antes a ouvir as suas composições. Um património.



Fotografia cortesia de José Crúzio

B. | O Silêncio dos Poetas

Wolf Vostell convidou-me a ir a Cáceres para observar presencialmente os objectos-poemas de Joan Brossa, e conhecermos-nos. Vostell havia organizado uma exposição antológica da obra de Brossa. E lá estava: "Elegia a Che", no MVM_Museo Vostell Malpartida. Ler, e voltar a ler, "O Silêncio dos Poetas", do Alberto Pimenta. E a vizinhança que o grande Mestre faz ao comungar entre o dizer a CHE, de Brossa, e o meu texto "Escravos". Ficou para sempre, em mim, esta convergência. E fui a Havana *profunda* ganhar uma afilhada cubana ao procurar os lugares do médico Guevara. Circula ainda hoje pelas galerias mais diversas o meu *obgesto*: **POR CHE_uma elegia a Che Guevara**, na senda de What is Watt? É uma *artitude*, uma *Arte de Acção* sempre com Brossa ao fundo. Há contaminações solenes.

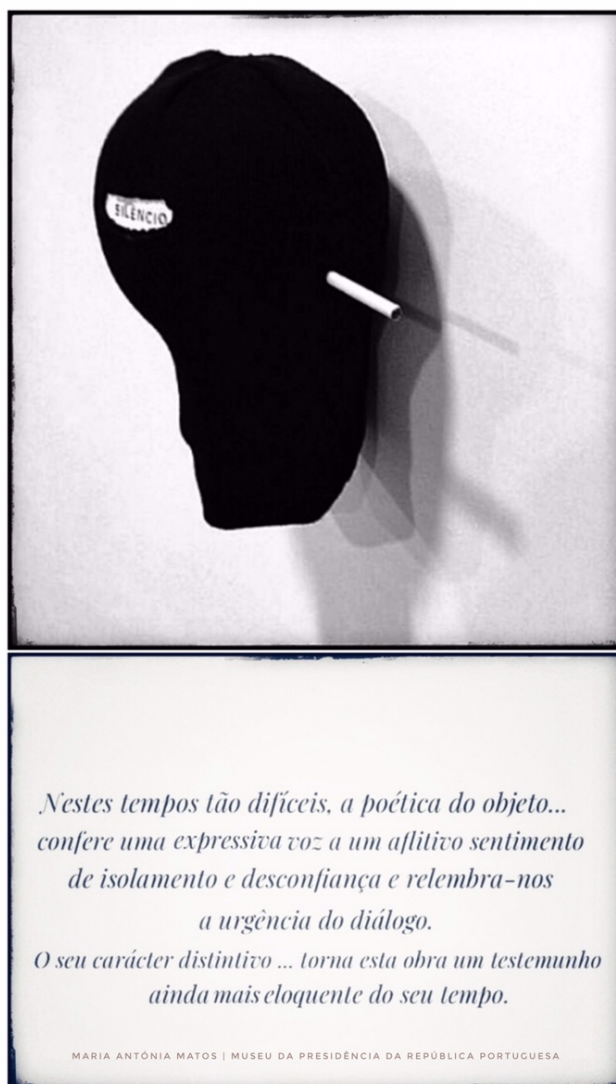
Vostell e Brossa com as suas ousadias, sadias, desafiaram-me. O museo do Lavadero que acompanhei desde o seu início com o José Ernesto de Sousa; e *MUSEU* — 5 hercúleos caracteres deslocados na montanha por Brossa, foram marcadores únicos.

Nesta linha dialogante gerei o meu principal *progesto*, que foi a comunidade artística de Abelheira, na margem do rio Corvo. Uma velha aldeia de moliceiros que viviam na Natureza, como abelhas. Aí, nessa velha reserva migrante de Almálaga, ficaram durante décadas guardados os 10 retratos de família, os da "Poesia Urro", poesia de António Aragão que me fora oferecida para gerarmos, talvez, um futuro museu na montanha. Eu estava nesta missão com Vostell, Brossa, Aragão, e o Ernesto. Um *progesto*. Do lugar mágico andamos convulsivamente a gerar em silêncio um filme *escultura social*, uma *compósita*, com "gente dentro": e lá estive com o António Dantas, a Fernanda Martins e a Augusta Villalobos a cultivar dizeres visuais. Intangíveis. *Progestos*. E há aí os sons da água, a *paisagem sonora* sinalizada por Schafer. Um *tapete sonoro*. É na alvorada que revejo este filme sem sono. Secreto. Um *filme_silêncio*. Uma história para não contar. Encontrar. Encantar. E na senda do *encontrar*, esse ensinamento de Picasso, doei os 10 retratos "Poesia Urro", de Aragão, ao MUDAS.Museu de Arte Contemporânea da Madeira, sempre a fazer gerar um desígnio singular: o da Arte_Educação. E hoje, no MUDAS, o urro não é mais urro, mas aula. Aula. Alma.



C. | Silêncio

Estamos no Museu da Presidência da República Portuguesa.



D. | Silêncio de dois cigarros

SACOM2, testemunhada pela SEMA



E. Um di(a)_vago

Raymond Murray Schafer, esse meu Mestre, ensinava a ouvir o orvalho. Essa *orquestração* dada pelo "meio ambiente sonoro", mas também o orvalho que ecoa dentro de nós. Um dia vago encontrei a chuva desenhada com palavras. Era um poema de Guillaume Apollinaire. No *Círculo*, CAP, desse texto falei ao *escultor na natureza* Alberto Carneiro, que logo me trouxe a sua "coleção de caligramas". Ainda as guardo. Procurei Wilhelm Albert Włodzimierz Apolinary de Waz-Kostrowicki, o Apollinaire, que me levou a um *caminho longo* de palavras, *da que lava, à lava do vulcão*; de Joan Brossa, a Augusto de Campos — a quem acabo de escrever à chuva. "Il pleut" foi o primeiro texto_imagem, poema que aprendi. Chove. "Chovem vozes...". Vozes. Vostell chamou-me ao Lavadero para me apresentar Brossa... com o médico CHE ao fundo.

